



OS IMPACTOS DAS MUDANÇAS CLIMÁTICAS NA SAÚDE MENTAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES RIBEIRINHOS DA AMAZÔNIA BRASILEIRA: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.¹

THE IMPACTS OF CLIMATE CHANGE ON THE MENTAL HEALTH OF CHILDREN AND ADOLESCENTS IN BRAZILIAN AMAZONIAN RIVERINE COMMUNITIES: A LITERATURE REVIEW.

LOS IMPACTOS DEL CAMBIO CLIMÁTICO EN LA SALUD MENTAL DE NIÑOS Y ADOLESCENTES RIBEREÑOS DE LA AMAZONÍA BRASILEÑA: UNA REVISIÓN BIBLIOGRÁFICA.

Márcia Abib Hecktheuer ²

Vitória Azevedo Ferreira ³

¹Resumo apresentado ao GT 6 Direitos Humanos, Psicologia e Interdisciplinaridade no VI Congresso Internacional DHJUS – Futuros Possíveis. Programa de Doutorado e Mestrado Profissional Interdisciplinar em Direitos Humanos e Desenvolvimento da Justiça.

² Doutora em Educação pela Universidade Autônoma de Madrid com apostilamento pela Universidade Federal de Santa Maria. Reitora e Professora da Faculdade Católica de Rondônia. Líder do Grupo de Pesquisa “Grupo de Pesquisa em Psicologia, Amazônia, Gênero, Cultura e Resistência: Castanheiras da Amazônia”, cadastrado no DGP do CNPq. Porto Velho. E-mail: marciabib@fcr.edu.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3579453832789845>. ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-6574-8866>.

³ Graduanda do curso de Psicologia do 10º período da Faculdade Católica de Rondônia. Tem como área de interesse as temáticas que envolvem desenvolvimento humano, saúde mental e direitos infantojuvenis. Estagiou na Promotoria Proteção da Criança e do Adolescente do Ministério Público de Rondônia e no Núcleo Psicossocial de Apoio às Varas de Família do Tribunal de Justiça de



Resumo: As mudanças climáticas representam uma ameaça à dignidade humana e intensificam vulnerabilidades pré-existentes em comunidades ribeirinhas da Amazônia brasileira. Crianças e adolescentes enfrentam dificuldades de acesso à serviços de saúde, alterações na relação com a natureza e com o brincar, o que compromete o bem-estar psíquico. Este estudo, por meio de revisão bibliográfica, identifica fatores de risco e proteção à saúde mental, considerando a perspectiva biopsicossocial. A compreensão do sofrimento como expressão social e histórica permite propor intervenções éticas e comunitárias, sensíveis à realidade desse grupo social.

Introdução

No contexto amazônico, as discussões sobre saúde mental ainda são atravessadas por discursos higienistas que responsabilizam o indivíduo pelo próprio sofrimento psíquico, desconsiderando o papel da sociedade e do Estado nos processos saúde-doença. Atualmente, compreende-se que os sintomas não se manifestam apenas no sujeito, mas também nos grupos sociais, revelando aspectos latentes da organização sociocultural.

As mudanças climáticas representam uma das maiores ameaças à dignidade humana e impactam especialmente crianças e adolescentes ribeirinhos da Amazônia brasileira, intensificando vulnerabilidades pré-existentes e dificultando sua adaptação às novas realidades ambientais.



Dessa forma, este resumo tem como objetivo analisar os impactos das crises climáticas na saúde mental de crianças e adolescentes da Amazônia brasileira, identificando fatores de risco e de fatores de proteção à saúde mental. Essa identificação poderá subsidiar intervenções psicológicas mais adequadas à realidade sociocultural e climática dessas comunidades.

Trata-se de uma pesquisa relevante, pois contribui para o entendimento da relação entre mudanças climáticas e saúde de comunidades ribeirinhas amazônicas, a partir de uma perspectiva ampliada de saúde mental, além de suprir lacunas teóricas ainda existentes sobre o tema.

Metodologicamente, o estudo baseia-se em uma revisão bibliográfica de abordagem qualitativa, com consulta a bases de dados como a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), a Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e o Google Acadêmico, incluindo artigos, livros, teses e relatórios nacionais e internacionais publicados nos últimos dez anos.

Desenvolvimento

Segundo as Nações Unidas (ONU), as mudanças climáticas são alterações de longo prazo nos padrões de temperatura e clima, que podem afetar a saúde, as condições de habitação, de trabalho e a produção de alimentos. Embora possam ocorrer naturalmente, desde o século XIX as ações antrópicas, sobretudo a queima de combustíveis fósseis, têm sido o principal fator de intensificação dessas mudanças. Ainda conforme a ONU, pessoas que vivem em países em desenvolvimento são mais vulneráveis aos impactos das crises climáticas, pois estão inseridas em contextos de exploração mercantilista.



No que se refere à saúde mental, Valadão e Guanãbens (2025) destacam que, diante do cenário das mudanças climáticas e de seus impactos socioambientais, cresce o debate sobre os efeitos desses fenômenos na saúde psíquica. Apesar do pouco arcabouço teórico, já se reconhece que os eventos climáticos extremos influenciam o bem-estar mental e coletivo.

Destaca-se que de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS) e a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS), a saúde mental é um direito fundamental e vai além da simples ausência de sofrimento psicológico. Trata-se de um estado de bem-estar que permite aos sujeitos lidar com situações estressantes e desenvolver habilidades que contribuam para sua comunidade.

Essa compreensão decorre das transformações históricas do conceito de saúde psíquica, antes restrito à visão médica tradicional, centrada em fatores biológicos (Straub, 2014). Com o avanço das ciências, a saúde mental passou a ser entendida sob uma perspectiva biopsicossocial, na qual o adoecimento é um fenômeno coletivo que expressa tanto dimensões internas quanto sociais do indivíduo (Straub, 2014).

A partir dessa perspectiva biopsicossocial, torna-se possível compreender de que modo as alterações climáticas impactam a saúde mental, especialmente de crianças e adolescentes ribeirinhos da Amazônia brasileira, considerando a realidade socioeconômica e o contexto etnicorracial desse grupo.

Segundo Vasconcelos (2020), a região Amazônica brasileira possui duas estações bem definidas — o verão, marcado pela seca, e o inverno, pela chuva — e as alterações climáticas intensificam ambos os períodos, elevando as temperaturas e os volumes de chuva.



A intensificação da sazonalidade dos rios afeta diretamente a rotina dos povos ribeirinhos. Nos períodos de chuva, muitas famílias precisam se deslocar para regiões mais altas; já na seca, enfrentam dificuldades de locomoção, pois vários trechos dos rios tornam-se inavegáveis (Nunes et al., 2022). Essa dinâmica agrava problemas já existentes, como a continuidade das atividades escolares e o acesso aos serviços de saúde, incluindo os de saúde mental.

No campo alimentar, Vasconcelos (2020) aponta que as mudanças climáticas impactam o cultivo agrícola e a pesca. A escassez de água e as alterações nos ciclos de chuva prejudicam o plantio da mandioca, base alimentar das comunidades. As grandes cheias dispersam os cardumes e dificultam a pesca; nas secas, há mais peixes, mas a falta de água provoca mortandade. Além disso, o aumento da temperatura compromete a conservação do pescado, exigindo o uso de gelo e elevando os custos da pesca.

Nessa perspectiva, Vasconcelos (2020), em seus estudos com comunidades ribeirinhas do baixo rio Negro, aponta dois pontos centrais diante das transformações climatológicas: o risco e a adaptação. As mudanças climáticas fazem com que a comunidade perceba o risco de não produzir alimentos, gerando a necessidade de adaptação.

Entretanto, essa adaptação nem sempre é viável ou exige grande esforço das comunidades, o que perpetua os impactos das mudanças climáticas no bem-estar coletivo. As vulnerabilidades sociais dos ribeirinhos se agravam diante dos eventos climáticos extremos, exigindo respostas adaptativas que, por sua vez, são limitadas por essas mesmas fragilidades, criando um ciclo contínuo de sofrimento psicossocial



De acordo com Brandão (2019), os modos de vida ribeirinhos devem ser compreendidos a partir da diversidade de vivências marcadas pela relação com a natureza e pela observância dos processos climatológicos. Ademais, Vasconcelos (2020) destaca que essas populações organizam seu modo de vida observando os ciclos da natureza, especialmente os meteorológicos, e transmitem seus saberes pela oralidade, fortalecendo sua identidade etnocultural. No entanto, as mudanças hidroclimáticas dificultam a interpretação desses ciclos e afetam o modo de viver e a identidade ribeirinha.

Assim, as mudanças climáticas impactam também a saúde mental desses povos, à medida que transformam suas concepções identitárias. A identidade é uma construção sociocultural, resultante do diálogo com o meio, e está profundamente ligada ao lugar e aos elementos sociais, culturais e simbólicos que dão significado à existência (Sousa, 2019).

Conforme Fazzi (2023), a interação com o ambiente e o contexto sócio histórico é essencial para a constituição das identidades nas comunidades ribeirinhas, sobretudo o papel do rio e do território. No caso das crianças marajoaras, o vínculo com árvores, rios, animais e terra reforça o sentimento de pertencimento. Assim, as mudanças climáticas transformam tanto o ambiente quanto a relação das crianças com a natureza e, conseqüentemente, sua identidade.

Fazzi (2023) também ressalta que essas transformações afetam o brincar, ao alterar os espaços naturais de convivência e gerar insegurança, o que limita a liberdade e a criatividade infantil. Dessa forma, as mudanças nas concepções identitárias e no brincar, somadas à vulnerabilidade social amazônica, tornam as crianças ribeirinhas mais suscetíveis ao adoecimento biopsicossocial.



Considerações Finais

Os estudos apontam que o sofrimento e a adaptação das populações ribeirinhas ocorrem de forma singular, exigindo abordagens que considerem suas dimensões sociais, culturais e étnicas. As mudanças climáticas intensificam vulnerabilidades como o acesso precário à saúde e à educação, gerando um ciclo de sofrimento psicossocial.

A identidade desses povos, construída na relação com a natureza, é desestabilizada pelas alterações hidrometeorológicas, afetando especialmente o brincar infantil e o sentimento de pertencimento. Diante disso, é essencial uma atuação ética e comunitária, que reconheça o sofrimento como expressão histórica e promova cuidado sensível às realidades territoriais e coletivas.

Palavras-chave: Crianças e Adolescentes; Mudanças climáticas; Ribeirinhos; Saúde mental.

Referências

BRANDÃO, Luciana Costa. *Vidas ribeirinhas e mudanças climáticas na Amazônia: ativando híbridos, friccionando conhecimentos e tecendo redes no contexto do Antropoceno*. 2019.

FAZZI, Alciléa de Souza. *O que o rio me ensinou?: narrativas das crianças ribeirinhas da Vila de Ponta Negra – Marajó/PA*. 2023. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2023. Disponível em: <<https://repositorio.jesuita.org.br>>. Acesso em: 6 maio 2025.

NUNES, L. F. et al. Acesso à saúde e educação em comunidades ribeirinhas da Amazônia brasileira diante das mudanças climáticas. *Revista Brasileira de Desenvolvimento Sustentável*, v. 10, n. 2, p. 85–102, 2022.



ONU BRASIL. O que são mudanças climáticas. Disponível em: <<https://brasil.un.org/pt-br/175180-o-que-s%C3%A3o-mudan%C3%A7as-clim%C3%A1ticas>>. Acesso em: 2 maio 2025.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. OMS quer saúde mental como prioridade em planos de ação climática. *Nações Unidas Brasil*, 2022. Disponível em: <<https://brasil.un.org/pt-br/185205-oms-quer-sa%C3%BAde-mental-como-prioridade-em-planos-de-a%C3%A7%C3%A3o-clim%C3%A1tica>>. Acesso em: 20 out. 2025.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. Saúde mental. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/topicos/saude-mental>>. Acesso em: 2 maio 2025.

SOUSA, Rúbia Elza Martins de et al. “Aqui tudo é do rio, se ele quer levar, deixa levar”: gênero, identidade e lugar das mulheres ribeirinhas em Nazaré, Porto Velho, Rondônia. 2019. Disponível em: <<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/9279/5/Tese%20-%20R%C3%BAbia%20Elza%20Martins%20de%20Sousa%20-%202019.pdf>>. Acesso em: 26 junho 2025.

STRAUB, R. O. Introdução à psicologia da saúde. In: STRAUB, R. O. *Psicologia da saúde: uma abordagem biopsicossocial*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

VALADÃO, A. C. B.; GUANÃBENS, P. F. S. Impacto das mudanças climáticas na saúde mental: uma revisão da literatura sobre ecoansiedade e educação ambiental. *Revista Delos*, [S. l.], v. 18, n. 65, p. e4460, 2025. DOI: 10.55905/rdelosv18.n65-105. Disponível em: <<https://ojs.revistadelos.com/ojs/index.php/delos/article/view/4460>>. Acesso em: 11 abr. 2025.

VASCONCELOS, Mônica Alves de. “A natureza mudou”: alterações climáticas e transformações nos modos de vida da população no baixo rio Negro, Amazonas. 2020.